



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no
Seminário “Oportunidades de Novos Negócios e Investimentos Brasil-
Portugal”**

Porto-Portugal, 13 de outubro de 2005

Bom dia,

Eu penso que hoje é um dia especial para portugueses e brasileiros, afinal de contas, Portugal se classificou ontem para a Copa do Mundo, com um técnico importante do Brasil. O Brasil, ontem, ganhou da Venezuela de 3 a 0, e a Argentina perdeu do Uruguai de 1 a 0. Isso faz com que o Brasil possa disputar, finalmente, uma final com Portugal. Isso seria extremamente importante.

Meu caro primeiro-ministro da República Portuguesa, José Sócrates,
Meu caro Manuel Pinho, ministro da Economia e Inovação de Portugal,
Senhores ministros de Portugal,

Meus companheiros ministros brasileiros, Fernando Haddad, da Educação; Gilberto Gil, da Cultura; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

E o nosso governador Wellington, do estado do Piauí,

Meu caro embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro-interino das Relações Exteriores,

Meu caro Fernando Serrasqueiro, secretário de Estado do Comércio, Serviços e de Defesa do Consumidor de Portugal,

Embaixador Francisco Seixas da Costa, embaixador de Portugal no Brasil,

Embaixador Paes de Andrade, embaixador do Brasil em Portugal,
Senhores empresários brasileiros e empresários portugueses,



Empresárias brasileiras e empresárias portuguesas,
Meus companheiros e companheiras da comitiva do Brasil,
Meus senhores e senhoras da comitiva de Portugal,

É um grande prazer reunir-me com empresários portugueses e brasileiros, passados dois anos de minha primeira visita a Portugal.

Quero compartilhar com todos um pequeno balanço do que aconteceu no Brasil de lá para cá.

Estou convencido de que as perspectivas para as nossas relações econômicas e comerciais nunca foram tão favoráveis. Sei que nossos parceiros portugueses estão bem informados sobre o Brasil. Somos, hoje, o segundo principal destino dos investimentos de portugueses.

Isso é prova concreta de que nossas relações ultrapassaram a etapa dos discursos bem-intencionados. Abrem-se agora, novas oportunidades de investimentos no Brasil.

Avançamos na reforma tributária, que reduz o custo dos investimentos, da produção e das exportações. Aprovamos a Lei de Falências com características modernas e novos marcos legais sobre Inovação, Patentes e Consórcios Públicos.

A recente aprovação da Lei de Parcerias Público-Privadas estabeleceu um novo modelo para licitação de obras de infra-estrutura. Estamos empenhados em um grande esforço de ampliação e modernização da base produtiva brasileira.

O significado dessas reformas tem que ser interpretado em conjunto com os avanços no campo econômico. Estamos implementando uma política de desenvolvimento que combina crescimento sustentável, estabilidade econômica e distribuição de renda. O resultado dessa política foi que, em 2004, registramos o maior aumento do PIB desde 1994.

A expectativa de inflação caiu de 13% para 5% entre 2002 e meados de



2005. Nosso risco país é o menor dos últimos sete anos. Recuperamos nossas reservas internacionais, reduzimos a relação entre a dívida externa e exportações e pudemos prescindir de um novo acordo com o FMI.

Esses números não são ganhos passageiros de políticas provisórias. São frutos de um projeto de longo prazo e de um compromisso com 186 milhões de brasileiros. Não pretendemos mudar de rumo ante as conjunturas políticas ou fases eleitorais.

Em 30 meses de governo, criamos mais de 3 milhões e meio de empregos formais. Trata-se de uma vitória incontestável em nossa busca da superação da pobreza e da exclusão social. É também, um sinal muito positivo para a expansão do mercado interno e para a melhoria do poder de compra de todos os brasileiros.

Na área externa, nossas exportações quebraram todos os recordes. Em 2002, as vendas externas alcançavam 60 bilhões de dólares com um superávit de 13 bilhões de dólares. Em setembro deste ano atingimos a marca de 112 bilhões de dólares, com um superávit de 41 bilhões de dólares. Em 2005, as cifras serão ainda maiores.

Há duas explicações para esse fenômeno que persiste, apesar da valorização do real. A primeira são as reformas que têm sido implementadas e o ambiente macroeconômico. Os produtos brasileiros competem melhor no exterior. Reduzimos as barreiras e a burocracias que muitos chamam de “Custo Brasil”.

A segunda é a ampliação e diversificação de nossa rede de parcerias e de acordos internacionais. Aprofundamos relações com sócios tradicionais e buscamos novas associações. Na América do Sul, estamos completando uma rede de acordos preferenciais, com o objetivo de criar um único mercado na região. Já estamos próximos de uma zona de livre comércio sul-americana.

Mas a integração continental vai mais além. Estamos desenvolvendo ampla rede de infra-estrutura em toda a América do Sul. Estradas, pontes e



portos estão permitindo unir nossos países, até há pouco tempo de costas uns para os outros, e criar corredores ligando o Atlântico ao Pacífico.

Os avanços comerciais e econômicos logrados na integração regional serviram de base para a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações, que celebrou sua primeira reunião presidencial há poucas semanas em Brasília.

Avançamos também, na revitalização de parcerias na África, no Oriente Médio e com as grandes economias emergentes: China, Rússia e Índia. Negociamos com todos eles acessos privilegiados para nossos produtos e serviços.

Empresas brasileiras iniciaram um processo de internacionalização mais intenso, investindo no exterior. A política comercial brasileira não é excludente. Não nos movem fatores ideológicos. Nossas relações são construídas a partir de uma visão pragmática. O Brasil está empenhado, junto com seus sócios do Mercosul, em concluir negociações biregionais com a União Européia no mais breve prazo possível. Por isso, precisamos chegar a um pacote equilibrado e mutuamente vantajoso.

Portugal é importante motor para as negociações entre nossos blocos regionais. Hoje, na presidência da Comissão Européia, pode ter um papel para a conclusão exitosa de nosso acordo.

Meus amigos e minhas amigas,

Ao tratar das relações entre Brasil e Portugal, é muito difícil fugir às frases de efeito. Falamos de “irmandade”, dizemos que Portugal será “a porta de entrada do Brasil para a Europa”. Essas expressões singelas escondem verdades que não podem ser desprezadas. Qualquer empresário sabe que o sucesso de sua empreitada depende muito de uma sólida rede de contatos e da qualidade do diálogo com seus interlocutores.

Não há nada mais vantajoso do que negociar em sua própria língua, com alguém que partilha dos mesmos costumes. Nossa afinidade explica, em



muito, a aposta de Portugal no Brasil e do Brasil em Portugal. Explica também, a crescente presença de subsidiárias de empresas brasileiras em terras portuguesas. Isso pode ser fator determinante para iniciativas conjuntas em terceiros mercados. Somos, sim, portas de entrada. Portugal pode ser canal privilegiado para o acesso brasileiro ao mercado europeu. O Brasil pode constituir plataformas para as operações de empresas portuguesas na América do Sul.

Recorrendo a outro lugar comum, basta lembrar o exemplo dos exploradores e comerciantes portugueses na época dos descobrimentos. Vasco da Gama e seus companheiros não inventaram sozinhos uma nova rota para a Índia. Não abriram mercados do nada. Após dobrar o Cabo da Boa Esperança, usaram o conhecimento dos navegadores e comerciantes árabes.

Essa forma de fazer negócios continua válida até hoje. Se Portugal e Brasil conhecem os atalhos em suas respectivas regiões, devemos usar essa vantagem em nosso benefício.

Nesta visita, me acompanha uma importante delegação de empresários que estão dispostos a explorar esses atalhos. Nossa idéia é atrair investimentos portugueses, mas também investir em Portugal.

Queremos encontrar fórmulas para estimular e diversificar nossas trocas comerciais. Estamos interessados em parcerias produtivas em setores estratégicos. Um exemplo é a área energética. O Brasil tem, hoje, imenso conhecimento acumulado no desenvolvimento e uso do etanol e do biodiesel. Queremos explorar todas as possibilidades de cooperação que se abrem nesse e em outros setores.

A ousadia e o engenho de nossos antepassados serão sempre fonte de inspiração para a nossa associação. Vencemos oceanos e unimos continentes e povos. Construiremos, agora, as pontes de uma nova cooperação, mais densa e madura.

O vento é favorável e, como disse um dos poetas maiores da nossa



língua portuguesa, “navegar é preciso”.

Meu caro Primeiro-Ministro,

Meu caro Ministro da Economia,

Empresários brasileiros e empresários portugueses,

Esta reunião que estamos fazendo hoje surgiu de uma idéia do presidente Jorge Sampaio, quando nos encontramos em Tóquio, em que ele dizia que era necessário e urgente que empresários brasileiros e portugueses comesçassem a conversar mais para que nós pudéssemos fazer com que as nossas relações históricas pudessem se transformar em uma coisa mais forte para a economia portuguesa e para a economia brasileira.

Nada melhor do que estarmos cumprindo uma vontade política, num momento em que, certamente, a economia de Portugal demonstra avanços extraordinários, num momento em que a economia brasileira está mais sólida, e eu acho importante, para quem quer convencer alguém a investir no Brasil, convencer com argumentos sólidos.

Os empresários portugueses que investem no Brasil devem conhecer profundamente o que eu vou dizer agora, sobretudo, os brasileiros têm obrigação de saber: não há nenhum momento na história do Brasil, sobretudo na história econômica, em que tenhamos um conjunto de fatores combinados entre si, que dão sustentabilidade à política econômica brasileira.

Vocês sabem que o Brasil viveu paradoxos, às vezes, inexplicáveis. Ou seja, durante muito e muito tempo, todas as vezes em que o Brasil pensava em exportar nós já sabíamos, internamente, que o mercado interno seria asfixiado. Toda vez que o Brasil fortalecia o mercado interno, nós sabíamos que as exportações iriam ser arrojadas. Parecia um antagonismo criado na cabeça dos dirigentes da época, em que não combinava exportação com o crescimento do mercado interno. Nós, agora, estamos provando que é possível crescer as exportações e que é possível crescer o mercado interno, num jogo combinado que permite maior solidez da economia brasileira.



Um outro fator importante no Brasil é que era praticamente proibido a economia brasileira crescer com inflação baixa. Toda vez que se falava em crescimento, no Brasil, já se pressupunha inflação de dois dígitos. Hoje, nós estamos provando que essa máxima não era verdadeira, que é possível crescer com inflação baixa.

Então, o que está acontecendo no Brasil, hoje? Nós temos um crescimento das nossas exportações, nós temos um crescimento da economia, nós temos um crescimento das importações, sobretudo de bens de capital, numa demonstração de que as nossas empresas estão acreditando no futuro e estão se modernizando. Nós temos um crescimento do mercado interno, nós temos um crescimento da poupança interna, nós temos um crescimento do crédito, nós temos um crescimento do superávit de conta corrente, nós temos um crescimento da geração de empregos formais, e o que é que está caindo no Brasil? A inflação e o custo de vida.

Estou dizendo isso para dizer a vocês que, quando assumimos o governo, tomamos a decisão de que era preciso dar uma chance ao Brasil. O Brasil não podia continuar a ser um país que vivesse de momentos eleitorais, que qualquer programa terminasse próximo às novas eleições. Nós estamos convencidos de que o Brasil está preparado para um novo ciclo de crescimento e estamos convencidos de que esse novo ciclo só acontecerá se, do Presidente da República ao mais humilde servidor público brasileiro, à iniciativa privada brasileira e aos trabalhadores brasileiros, nós levarmos a sério que o Brasil não pode jogar fora essa chance excepcional que está tendo.

Todo mundo sabe que, em ano eleitoral, os governantes ficam mais generosos, muitas vezes essa generosidade obriga o governante a cometer atos de irresponsabilidade, até porque o dinheiro que ele vai gastar não é dele, é um dinheiro arrecadado do povo. Nós nos comprometemos moralmente, não apenas com a nossa consciência, mas com o futuro do Brasil, de que embora tenhamos eleições no próximo ano, nós não faremos nenhum gesto e não



tomaremos nenhuma medida que possa significar colocar em risco a solidez das coisas que nós construímos até agora, com muito sacrifício. Eu não vou carregar nas minhas costas a responsabilidade de não ter consolidado a chance que o Brasil precisa de ser, definitivamente, um país desenvolvido. O Brasil já teve muita pirotecnia, já teve muitos mágicos, já se inventou planos à meia-noite que acabaram de madrugada, já se inventou planos que parecia que o Brasil ia ficar rico e, quando terminava o Plano, o Brasil estava mais pobre... Nós não faremos isso. Em economia não tem mágica, tem responsabilidade e tem oportunidades. E nós agiremos com toda a responsabilidade possível e não perderemos nenhuma oportunidade, não apenas aquela que nós criarmos, mas, sobretudo, aquelas que o mercado mundial criar para o Brasil.

Portanto, com essas palavras eu quero dizer aos empresários portugueses: o Brasil continua sendo uma grande oportunidade. E quero dizer aos empresários brasileiros: política e comércio exterior são uma via de duas mãos, a gente não pode querer apenas vender, a gente não pode querer apenas investimento no nosso país. É preciso que a gente também se disponha a comprar, e é preciso que a gente também se disponha a investir. Essa combinação de compra e venda, dos dois lados, e de investimento, dos dois lados, pode ser a combinação perfeita que pode consolidar aquilo que os navegadores portugueses acreditavam quando descobriram o Brasil, de que era possível, apesar do Oceano Atlântico, unir essas duas Nações. Eles já fizeram a parte deles, agora cabe a nós darmos prosseguimento.

Muito obrigado.